

Ano 13, Vol XXIV, Núm 1, Jan-Jun, 2020, pág. 346-367.

AYAHUASCA, MANDALAS E ESTRUTURA DE VISUALIZAÇÕES: UMA LEITURA COGNITIVA ESTRUTURAL

Alexsandro Medeiros do Nascimento
Bruno Ricardo de Carvalho Virgolino
Robson Savoldi
Antonio Roazzi

Resumo: O estudo objetivou descrever a estrutura fenomenal da experiência consciente de visualização de *Mandalas* durante inebriação com o enteógeno Ayahuasca, numa perspectiva fenomenal e estrutural da mente. Apoiado na metodologia do estudo de caso, uma participante do sexo feminino produziu um relato fenomenal em caráter retrospectivo mediante o uso da *Entrevista Fenomenológico-Cognitiva dos Estados Autoconscientes* (EFEA), com foco na última tomada de Ayahuasca. A entrevista foi audiogravada, transcrita em sua totalidade, e submetida ao método fenomenológico padrão, com a técnica da Análise Temática. As análises permitiram a construção da *definição estrutural fundamental* em torno das categorias *Formas Visuais (mandala)*, *Fluxo Geracional de Visualizações*, *Colorido e luminescência*, *Fluxo transformacional e Complexidade estrutural das visualizações*, *Cinética das visualizações*, e, *Desconforto subjetivo e Saturação cognitiva do fluxo imagético*, as quais resumem a essência da experiência consciente das visualizações durante inebriação com ayahuasca em tomada ritual. O estudo contribuiu para uma melhor compreensão da dimensão fenomenal e experiencial das visualizações associadas ao uso da ayahuasca, abrindo uma agenda de pesquisa com foco explícito em sua imageria.

Palavras-chave: Ayahuasca; mandalas; visualizações; imageria.

Ayahuasca, Mandalas and Structure of Visualizations:

A structural cognitive perspective

Abstract: The study aimed to describe a phenomenal structure of the conscious experience of *Mandala's* visualization during inebriation with the entheogen Ayahuasca, in a phenomenal and structural perspective of the mind. Based on the methodology of the case study, a woman participant produced a retrospective phenomenological report through the use of the *Phenomenological-Cognitive Interview of the Self-conscious States* (PCISS), focusing on the last Ayahuasca. The interview was audio recorded, transcribed in its entirety, and submitted to the standard phenomenological method, using the Thematic Analysis technique. The analysis allowed the construction of the fundamental structural categories around the *Visual Forms (Mandala)*, *Generational Flux of Visualizations*, *Color and Luminescence*, *Transformational Flow and Structural Complexity of Visualizations*, *Kinetics of Visualizations*, and, *Subjective Discomfort and Cognitive Saturation of the Imagetive Flow*, which sum up the essence of the conscious experience of visualizations during inebriation with Ayahuasca, in ritual taking. The study contributed to a better understanding of the phenomenal and experiential dimension of visualizations associated with the use of ayahuasca, opening a research agenda with an explicit focus on its imagery.

Keywords: Ayahuasca; mandala; visualizations; imagery.

Ayahuasca, Mandalas y la estructura de visualizaciones: Una lectura cognitiva estructural

Resumen: El estudio objetivó describir la estructura fenomenal de la experiencia consciente de la visualización de Mandala durante la embriaguez con el enteógeno Ayahuasca, en una perspectiva fenomenal y estructural de la mente. Basándose en la metodología del estudio de caso, una mujer participante produjo un relato fenomenológico retrospectivo a través del uso de la *Entrevista Fenomenológica-Cognitiva de los Estados Autoconscientes (EFEA)*, enfocándose en la última ingesta de Ayahuasca. La entrevista fue audiograbada, transcrita en su totalidad, y sometida al método fenomenológico estándar, utilizando la técnica de Análisis Temático. El análisis permitió la construcción de las categorías estructurales fundamentales alrededor de las *Formas Visuales (Mandala)*, *Flujo Generacional de las Visualizaciones*, *Color y Luminescencia*, *Flujo Transformacional* y *Complejidad Estructural de las Visualizaciones*, *Cinética de las Visualizaciones*, y *Malestar Subjetivo y Saturación Cognitiva del Flujo Imagetico*, que resumen la esencia de la experiencia consciente de visualizaciones durante la embriaguez con la ayahuasca en la toma ritual. El estudio contribuyó a una mejor comprensión de la dimensión fenomenal y experiencial de las visualizaciones asociadas con el uso de la Ayahuasca, abriendo una agenda de investigación con un enfoque explícito en sus imágenes. Palabras-clave: Ayahuasca; mandalas; visiones; imágenes.

A Ayahuasca (aya - alma, morto e huasca - cipó, liana) é uma bebida visionária nativa sul americana. Atualmente é utilizada por uma variedade de grupos de indivíduos no Brasil e no mundo com propósitos espirituais, de estudo da consciência e terapêuticos (Labate e Cavnar, 2013). A ayahuasca é composta pelo cipó *Banisteriopsis spp.*, que contém inibidores da enzima Monoaminaoxidase (MAO), em associação com folhas de *Psychotria spp.*, que contém Dimetiltriptamina (DMT), componente visionário. A DMT, chamada de *molécula do espírito* é inativa oralmente, mas pela sinergia das plantas, chega ao cérebro e promove grande imaginação. Denominados enteógenos (*en+teo+genos=interior+divino+origem*), estas substâncias se relacionam à experiência *mística* descrita como “gênese da divindade interior” (Strassman, 2000). Strassman (2000) verificou que a DMT afeta todas as funções mentais associadas com a consciência humana, incluindo humor, percepção, cognição, autocontrole e autoconsciência, sugerindo vários potenciais terapêuticos e de estudo da mente. Benny Shannon tem detalhado características cognitivas estado de consciência (EC) da Ayahuasca (também chamada hoaska, yagé, daime, de acordo com cada grupo bebedor), conteúdos e estrutura das visualizações. Para Mikosz (2009), as mandalas são imagens recorrentes nas visualizações. Shannon (2002) afirma que formas circulares

complexa e intrincadamente conectadas aparecem de modo característico, na grande imageria relatada com a bebida.

Jung, durante a dissidência com Freud, mergulhou no estudo das mandalas como um processo de autocura, considerando essas imagens como representações pictóricas da psique e com papel chave na individuação do sujeito (Jung, 2017; Slegelis, 1987). Jung estabeleceu um elo entre o simbolismo das mandalas e a Psicologia Analítica como um arquétipo da totalidade do *self*, ou “Si-mesmo” (Jung, 2014). A importância dessas simbologias manifestadas através das mandalas tendo efeitos direto no *self* podem sugerir que a estrutura da imageria da ayahuasca e os processos psíquicos de auto-encontro estejam interligadas (Shanon, 2014).

A partir desta hipótese, o presente trabalho tem como objetivo geral descrever a fenomenologia da *Ayahuasca*, a partir de Análise Temática de um estudo de caso, em termos da dinâmica funcional e experiencial do conteúdo relacionado à mandala. A questão central neste estudo é a mandala, como um objeto (estrutura) da experiência interna de um sujeito concreto, que atua como um ponto de confluência entre um dinamismo inconsciente e a estrutura fenomenal da consciência. Nesse sentido, utilizamos um quadro teórico cognitivo concernente à estrutura das visualizações e sua relação com a mandala enquanto objeto que emerge da consciência no estado de inebriação com a *Ayahuasca*.

Fenomenologia da Ayahuasca e estrutura das visualizações por Benny Shanon

A ayahuasca é uma beberagem xamânicas e religiosa de origem nativa Amazônica que elicia espontânea, intensa e significativa imageria e narrativas (Shanon, 2002). Está relacionada a processos de cura física e psicológica, transformações de vida, resolução de problemas, aquisição de conhecimento, coesão social, criatividade e desenvolvimento espiritual (Shanon, 2014). A bebida possui efeitos fisiológicos e colaterais discretos e, apesar dos estudos sobre ayahuasca, em sua maioria, permanecerem entre as neurociências/fisiologia e a antropologia, Shanon (2002) defende que a psicologia cognitiva é, por excelência, a disciplina que deve se dedicar profundamente a esses tipos de experiências que são, claramente, psicológicas. Para Chalmers (2007), a consciência é um dos fatos fundamentais da existência humana e argumenta que com aplicações reducionistas correlacionais resolvemos “problemas

fáceis”, ou seja, como nos comportamos e como funcionamos e, mesmo estudando todos os processos cognitivos, não chegamos ao cerne do estudo da consciência. A questão do porquê todo esse processamento físico no cérebro é acompanhado por uma consciência, uma experiência rica que parece interna (*qualia*, consciência fenomenal ou caráter subjetivo da consciência) tem sido chamado de *problema difícil da consciência (hard problem)*. Shanon (2002), partindo da perspectiva estrutural diz que: a consciência é, essencialmente, um sistema cognitivo (pp.269) que rege a experiência subjetiva humana. Ele explica que uma contribuição dos estudos de EC para a compreensão científica da mente reside na interpretação dos parâmetros deste sistema cognitivo com base nos valores possíveis da leitura realizada (pp.196). Mudanças nesses valores resultam em diferentes EC. A tarefa da psicologia cognitiva, por conseguinte, é identificar o conjunto de parâmetros que definem a natureza da experiência subjetiva humana.

O autor, com seu trabalho em busca dos “Antípodas da Mente” (Shanon, 2002) acumulou um corpus visionário com base em 2500 sessões (pp.410) de tomada do enteógeno Ayahuasca. Nesse sentido, Shanon (2002) divide as questões fenomenológicas da ayahuasca em questões de *primeira ordem*, com grande quantidade de sub-questões, relacionadas à caracterização sistemática do que é experienciado: *domínio* (atmosfera geral, efeitos psicofísicos, ideacionais, estruturais da consciência e do self e místicos), *conteúdo e estrutura* das visualizações.; questões de *segunda ordem*, relacionadas aos padrões metódicos, progressões, sequenciamentos e estágios gerados no intrincamento das questões de primeira ordem; de *terceira ordem* relacionadas à dinâmica dos processos cognitivos envolvidos no sequenciamento de segunda ordem; de *quarta ordem* relacionadas às facetas contextuais, ambiente, cenário, meio físicos e social em que a experiência ocorre e que a influenciam. Dessa forma, o autor questiona se “as várias facetas da psicologia da experiência com Ayahuasca podem ser caracterizadas como manifestação de um conjunto menor de fatores subjacentes” (pp.688) – para uma revisão aprofundada ver Shanon (2002). Nestes termos, Shanon (2002) apresenta o termo *visualização* como base para toda a imageria visual proporcionada pela beberagem e utiliza o termo *visões* para imagens de elementos figurativos com conteúdos semânticos. A estrutura se resume, para ele, em seis

categorias (em negrito) e subcategorias (em itálico) com múltiplos níveis de complexidade (pp.86) apresentados sucintamente aqui:

Visões sem conteúdo semântico: a) *rajadas*, “*sopros*” (*puffs*) e *salpicos de luz* pouco delineados; b) *elementos repetitivos não figurativos* como círculos concêntricos com início de delineamento; desenhos geométricos padronizados bem definidos poligonais, não isolados, compondo arabescos (2D) e estruturas espaciais (3D), de construção linear ou poliédrica-circular-oval, estáticas ou pulsantes, com simetria e que “desafia a geometria euclidiana”.

Elementos figurativos primitivos. Os primeiros elementos semânticos aparecem com a) *transformações figurativas rápidas*, que vão dos salpicos a fotos em lapso de tempo como nas filmagens de nuvens ou flores desabrochando; b) *desenhos com figuras*, aqui embutidos ou emergentes dos padrões geométricos, diferentes e com maior permanência temporal que os anteriores, com símbolos repetitivos do mesmo tipo conectados e com fronteiras definidas, como em Escher.

Imagens. Os desenhos com figuras adquirem relativa independência e certa permanência, formando a) *imagens caleidoscópicas* de movimento rápido compostas por padrões do mesmo elemento, com transformações mais lentas que não são nem nebulosas nem geométricas; b) *objetos individuais* isolados e estáveis principalmente similares aparecem por exemplo, rostos. Objetos individuais podem aparecer em c) *imagens seriadas* inter-relacionadas em um tema comum geralmente descritas como “muitas” ou um objeto em transformação seriada, por exemplo uma mulher transformando-se em uma fada dançante e que curiosamente seguem as mesmas sequências transformativas dos mitos indígenas.

Cenas. As proto-cenas são as a) *cenas instantâneas (snapshots)* como em um único frame e b) *vislumbres*, como em frames de cenas distantes periscópicas ou como vistas de um “buraco de fechadura”, também distantes temporalmente para o passado ou futuro, ocorrem em fases avançadas do efeito, no prelúdio às fases posteriores. As c) *cenas integrais (full-fledged)* são vistas em totalidade e clareza, com continuidade temporal, narrativa e semântica como num teatro, mas ainda distante temporalmente, por exemplo, uma representação histórica do Egito. Surgem cenas grandiosas com conteúdo visual e narrativo estruturado rico e complexo, como panoramas

impressionistas de impacto psicológico e espiritual notáveis, pelo qual o bebedor sente-se destinatário de importantes mensagens em uma cena grandiosa.

Realidade virtual. Para além do nível visual como na imageria anterior surgem cenas multissensoriais poderosas ditas “mais reais que o real”, com imersão total em outro “reino da existência”. Diferentemente e quase sem nenhuma sobreposição com os sonhos, que podem ser bizarros, mas de conteúdo conhecido ou da própria vida, em que o sujeito relata em primeira pessoa e é o ator principal (“eu fiz”, “eu estava em tal lugar”), na *realidade virtual* vivenciada com Ayahuasca o conteúdo é reconhecível, fantasmagórico mas com cenários que nada tem a ver com a vida do sujeito, que atua como “inspetor” experienciando instantânea e interativamente a situação enquanto todo o fluxo da consciência é mantido. Diferentemente também dos sonhos lúcidos (que mesmo tendo a terminologia lúcido, o sujeito está dormindo), na Ayahuasca o bebedor pode interagir tanto com a cena quanto com os outros bebedores da sessão, manipular objetos do mundo real, mover-se, cantar. Shanon (2002) lembra que a experiência é encantadora de tal forma que desafia a descrição verbal e a análise conceitual.

Visões de Luz. “Cenas” em que os aspectos luminosos da experiência (não confundir com rajadas, “sopros” e salpicos que não formam cenas) são o componente central; são cenas integrais, permanentes e estendidas no tempo com a luz como elemento chave e de impressionante beleza e grandiosidade associadas com edificação psicológica e espiritual. São a) *composições geométricas* por luz e cores, percebidas como em duas, três ou mais dimensões, às vezes com musicalidade incorporada (sinestésica); b) *espaços visuais coloridos* com uma cor dando lugar a outra em sucessão. E de olhos fechados além das visualizações pode surgir c) *escuridão*, sem nenhuma imagem, dito “preto no absoluto”, com vários “tons e notas” fascinantes, todos negros, mas sem monotonia e instrutiva, o que Shanon chamou de “uma oportunidade de aprender a ver no escuro”. Um dos padrões luminosos que o autor considera como mais especiais são “finas, quase transparentes, linhas de luz que conectam as coisas” como nas pinturas de Alexandre Segrégio e que ele nomeou de d) *teia de aranha*. Diferentemente dos padrões anteriores, experimentados como decorativos ou “manifestações de energia”, os padrões notados na subcategoria e) *luz suprema* são impressionantemente percebidos como tendo existência e significado plenos; tida como

uma “estupenda emanção de luz farta e cheia de amor” caracterizada como “encontros com o divino” (Shanon, 2002).

É importante salientar que as visualizações e visões podem ocorrer tanto de olhos fechados quanto abertos e podem fluir de uma a outra categoria de modo qualitativo e não necessariamente temporal. O autor também discorre sobre a interatividade, estilos, narrativas e conteúdos das visões, assim como a consciência, porém, visto nosso foco aqui ser cognitivo-fenomenológico e estrutural da imagieria da mandala evidenciada no estudo de caso, os tópicos citados ultrapassam o escopo deste artigo.

Mandalas

Campbell (1988) em “O poder do mito” diz que “O mundo todo é um círculo. Todas as imagens circulares refletem a psique, de modo que há uma relação entre essa forma geométrica e a real estruturação de nossas funções espirituais.” (pp.234). O termo *Mandala*, originário do Sânscrito, que significa “centro” ou “círculo mágico”, constitui uma representação encontrada em todas as civilizações e culturas, nas artes, religiões, alusões a danças circulares, arquitetura e na natureza em si (Slegelis, 1987). Jung designa a mandala como “círculo ou desenho circular” que automaticamente possui um centro seguido de sua parte externa. Sugere a relação com o centro da personalidade e um lugar (central) no interior da psique que representa a fonte da energia. Ele considerou esse centro como sendo o *self* e que as mandalas pintadas por seus pacientes refletiam seus estados mentais na tentativa de autocura (Jung, 2017). O centro, como interior do sujeito, também representa a periferia e a união de opostos que constituem o todo da personalidade. Para ele, o comportamento humano se molda de acordo com duas estruturas básicas, a consciência individual e o Inconsciente Coletivo (IC) cujos *Arquétipos* são comuns a toda humanidade (Jung, 2017). O autor postulou que o IC contém um “coletivo de imagens” ou “imagens primordiais” arquetípicas da mente pré-histórica animal em que os instintos, enquanto impulsos fisiológicos, se manifestam através desses arquétipos. Para ele a mandala é o arquétipo do *self*, o qual define como um centro de organização de onde vem o crescimento psíquico, como um centro orientador, diferente da personalidade consciente, mas que permite a pessoa tornar-se um ser humano mais completo.

Na arte terapia, seguindo a teoria de Jung, o uso de mandalas com pacientes psiquiátricos foi pesquisado por Kellogg (1984) que desenvolveu o teste projetivo Mari®, baseado na teoria da imageria arquetípica. O modelo baseia-se na análise de forma, símbolo e cor em desenhos de mandalas com a identificação de treze estados psicológicos a partir da sua projeção nessas imagens. A teoria de Kellogg oferece um sistema identificador de arquétipos como estado da consciência, de forma a torná-los acessíveis ao público e auxiliando a entender suas respostas à arte. Além disso, Slegelis (1987) testou empiricamente a hipótese junguiana em estudo randomizado, com indução de humor negativo e posteriormente *desenho* dentro de um círculo ou quadrado. O estudo foi replicado por Babouchkina e Robbins (2015) encontrando resultados similares ao clássico de Slegelis em que o humor foi melhorado após desenharem em círculos. Estudos em que os participantes foram solicitados a *colorir* mandalas prontas ou quadrados subdivididos foram realizados (Curry e Kasser, 2005) e replicados (van der Vennet e Serice, 2012) resultando em redução da ansiedade após colorir mandalas, diferentemente de quadrados. Além disso, pesquisas empíricas examinaram a efetividade das mandalas em indivíduos com transtornos psiquiátricos como estresse pós-traumático (Henderson, Rosen, e Mascaro, 2007), demência (Couch, 1997), transtorno dissociativo de identidade (Cox e Cohen, 2000) e em colegiais, sem transtornos, na facilitação da autoconsciência e bem estar (Pisarik e Larson, 2011), e estabilização de humor em crianças (Petrishcheva e Filatova, 2017).

Diante das visualizações proporcionadas pela inebriação do uso do psicoativo Ayahuasca e das descrições propostas a respeito da influência psíquica da *mandala* no indivíduo, nos levamos a pensar no foco sobre a descrição da estrutura fenomenal deste instante da consciência quando da emergência de mandalas em inebriação com a bebida. Nosso interesse se deu nos caracteres fenomenais destas mandalas, seus efeitos imediatos sobre outros objetos cognitivos presentes na consciência no momento da tomada, sua dinâmica transformacional, qualidade experiencial, características intrínsecas e os modos do relato em 1ª pessoa. E com isso, pensar à luz do diálogo que estamos tentando construir haja a vista que é de fundamental importância e ao mesmo pode fecundar as perspectivas contemporâneas em ciência cognitiva de novos insights, servindo como rotas exploratórias e explanatórias.

Método

O estudo estruturou-se com base numa perspectiva fenomenal da mente e da consciência (Chalmers, 2007; Nascimento, 2008; Shanon, 2002), com foco no aspecto de privacidade e fenomenalidade que cerca a tessitura da experiência consciente, no enlace com os aspectos da imagética mental relacionada a consciência (Shanon, 2002), sendo de natureza ideográfica e descritiva, e orientado metodologicamente no estudo de caso (Yin, 2015) à descrição intensiva da experiência consciente de um único sujeito sob inebriação com ayahuasca em relato retrospectivo (Pekala e Kumar, 2007). A seguir, relatamos a organização dos aspectos principais da pesquisa.

Participante – A Sra. N., sexo feminino, 53 anos, recém casada, sem filhos, recém chegada moradora da Região Metropolitana de Recife (RMR), classe de renda média, Educadora Física, instrutora em academia de ginástica. Filiada à Sociedade Espirita Beneficente União do Vegetal (UDV) com 10 anos de pertença. A participante relata um nível elevado de satisfação com a religião atual, sem pertença a religião anterior. A mesma bebe ayahuasca com frequência em situações diversas, tanto em sessões formais na UDV, como com grupos autônomos na RMR e em locais variados, quanto em sessões privadas em sua casa e de amigos da rede ayahuasqueira, institucionalizados ou bebedores independentes; é bastante ativa nas redes ayahuasqueiras, conhecendo bebedores de todo o Brasil, e participando com muito envolvimento nestas redes de sociabilidade de natureza religiosa centrada no enteógeno.

Entrevista Fenomenológico-Cognitiva dos Estados Autoconscientes (EFEA) – Para geração dos dados da pesquisa utilizou-se o roteiro de entrevista fenomenal (em 1ª pessoa) intitulado *Entrevista Fenomenológico-Cognitiva dos Estados Autoconscientes – Parâmetros dos Estados Incomuns (EFEA-I)*, segundo momento do roteiro completo da EFEA (Nascimento, 2008). A entrevista foi construída e validada por Nascimento (2008) na coleta de dados em profundidade dos aspectos basilares da fenomenologia da experiência consciente em vigília e em estados incomuns de consciência, com foco nas mediações cognitivas por fala interna e imagens mentais, enquanto de elementos de mediação fenomenal da experiência interna (auto)consciente. Também foi testada por Barboza (2017) na avaliação fenomenológica do estado meditativo. Para o presente estudo, analisamos apenas os dados do EFEA-I, sendo o extrato do material empírico aqui analisado referido ao momento da entrevista no contexto em que se trata do relato

da '*Última tomada do chá Hoaska*'. Como questão típica desta seção do instrumento tem-se: "*Enquanto esteve prestando atenção a si mesmo(a) durante sua experiência de estado modificado da consciência, algum tipo de imagem lhe veio à mente?*" (Questão 07, Mediação Icônica/Fenomenologia Estado Incomum).

Procedimentos – A coleta foi realizada em sessão única, a entrevista audiogravada com permissão da participante tendo duração de 02 (duas) horas e 42 (quarenta e dois) minutos, realizada em sala de estar da participante ao seu pedido, com controle de estímulos na forma de retirada do campo visual da mesma de estímulos autofocalizadores como fotografias e espelhos de sua pertença, tendo a participante sido colocada sentada de costas para um espelho existente na sala, a fim de evitar a observação do corpo próprio na imagem refletida, e seguindo as prescrições do Procedimento EFEA (Nascimento, 2008), foi convidada após Tarefa de Autofocalização em que permaneceu durante 01 (um) minuto de olhos fechados a fins de atividade de introspecção autodirigida (autofoco experimental), a narrar episódio de estado modificado de consciência durante última tomada de Ayahuasca. A entrevista foi posteriormente transcrita integralmente e submetida a análise de seu conteúdo fenomenológico. A coleta de dados foi operacionalizada após análise e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da UFPE (Registro CEP/CCS/UFPE Nº 132/06)

Análise de dados – O plano analítico seguiu o norteamento do método fenomenológico padrão (Giorgi, 2012), edificado sobre a técnica da Análise Temática (Braun e Clarke, 2006), segundo a descritiva de Cott e Rock (2008), em que procedeu ao revisão intensiva da leitura do transcrito, em busca de unidades de registro singulares, as quais foram reagrupadas posteriormente em categorias temáticas mais abrangentes, voltando-se ao *corpus* integral para averiguação de sua pertinência e exaustividade, e escolha de extratos particulares exemplificadores. Produziu-se, ao final, um parágrafo sumarizador na forma de *definição estrutural fundamental* que resume a essência da experiência consciente das visualizações durante inebriação com Ayahuasca em tomada ritual.

Resultados e Discussão

O encaminhamento da análise fenomenal sobre os dados da entrevista com a Sra. N. com apoio na técnica da Análise Temática permitiu a descrição e formalização de 06

(seis) Categorias Temáticas (CT) fundamentais, a saber, (CT1) Formas Visuais, (CT2) Fluxo Geracional de Visualizações, (CT3) Colorido e luminescência, (CT4) Fluxo transformacional e Complexidade estrutural das visualizações, (CT5) Cinética das visualizações, e, (CT6) Desconforto subjetivo e Saturação cognitiva do fluxo imagético, as quais serão apresentadas em detalhes, com ilustrações de excertos do *corpus* analisado.

CT1. Formas Visuais (Objetos de experiência interna). O foco semântico incide sobre a ontologia (natureza) deste componente da experiência interna, seu estatuto cognitivo de ser de tipo representacional analógico, não serial, imagético, isomorfo de seus referentes externos no ambiente físico e/ou cultural, que gera uma experiência de natureza visual, passível de ser visualizada internamente no meio cognitivo, de ser em última instância uma ‘forma visual da consciência fenomenal’. O excerto escolhido ilustra esse tipo de ocorrência visual:

Entrevistador (E) - Enquanto esteve prestando atenção a si mesma durante sua última experiência de tomada do chá, algum tipo de imagem lhe veio à mente? Você poderia recontar com detalhes sobre como essas imagens são, caso elas tenham aparecido em sua experiência? Sujeito (S) – Ixi, Maria, eu num lembro agora, imagem é? [...] É porque uma coisa que acontece muito quando eu bebo o vegetal, as imagens, *as imagens que eu vejo muito são as mandalas*, muitas. Eu vejo muitas formas, *formação de:: de luzes, mandala de luz.*

O antropólogo Reichel-Dolmatoff (1978), citado por Shanon (2002, pp.87), descreve elementos visuais em forma de estrela e flor cintilantes em repetitivos padrões caleidoscópicos de simetria alternante entre linhas e zigue-zague a formas geométricas bem definidas, com círculos concêntricos multicoloridos e aglomerado de pontos brilhantes. Shanon (2002) argumenta que o antropólogo agrupa tipos não homogêneos e, além disso, apesar de não citar especificamente a mandala, Shanon explica que elementos luminosos esporádicos se juntam e se estendem pelo campo visual formando agregados em corrente ondulantes e círculos concêntricos pulsantes e rítmicos nos primeiros *elementos repetitivos não figurativos*. Na obra seminal de Strassman (2000) sobre DMT encontramos a mandala em um relato de experiência: “*mandala-like series of visuals, fleurs-de-lis—type visions*” (pp.189).

A participante neste estudo descreve visualizações de “*luzes e mandalas*” não como algo unitário, mas sim uma visualização complexa com contornos luminosos. É visível uma estrutura gradiente no efeito do uso da *Ayahuasca*, ou seja, seu efeito começa aos poucos e, na medida que vai aumentando, as visualizações vão se “*esblandindo*” (expandindo) como dizem no dialeto da UDV que significa trazer algo do plano superior para o indivíduo que está sob o efeito do chá, podendo ser interpretado também como a Luz superior descendo ao planeta ou a consciência. Shanon (2002) diz que a partir dos primeiros elementos figurativos caleidoscópicos surgem grandes bolhas coloridas de onde emergem formas diferentes (de *desenhos com figuras*) como animais, pessoas e vários tipos de criaturas desconhecidas. Mikosz (2009) conta que as mandalas são cosmogramas – “reproduções espirituais da ordem do mundo” (pp.225) que constituem “relações diretas entre o mundo material e o mundo espiritual” (pp.224). Ele afirma que, para o xamã, os desenhos padronizados da tribo Shipibo parecem mandalas orientais, círculos sagrados e labirintos e que contém a descrição dos *Ícaros* – os cantos que são recebidos pelos *Xamãs* amazônicos sob o efeito de transe da bebida.

Jung (2014) diz que a mandala pertence em primeiro lugar à consciência no nível individual que, em seguida, se enraíza nos arquétipos do IC. Traçando um paralelo com as *mandalas* visualizadas pela entrevistada, o aporte junguiano desenha um horizonte de entendimento de que a entrevistada tenha, a partir da experiência consciente pela mediação do objeto de experiência (a mandala), acessado esse IC onde a “*mandala*” se integra como um “arquétipo” como explica Jung (2014). Para Shanon (2002), em estados incomuns de consciência, “os arquétipos vêm à tona e são expressos em *formas* específicas; a criação artística também são expressões desse tipo” (pp.367, grifo nosso)

Fluxo Geracional de Visualizações. O foco semântico incide sobre o aspecto de geração interna destas formas visuais, de como surgem, em que tempos, ritmos, intensidades e quantidades, configurando um fluxo abundante e saturativo do espaço de visualização interno, compondo não objetos unitários, mas conjuntos e aglomerados de objetos. Este aspecto é salientado em excertos como este:

S – Eu vejo muito, sabe? De cores, mui... Isso aparece sempre, sempre. Mi... E essa União do Vegetal trouxe muito essas imagens sobre mandalas [...]. **E – É no início dessa experiência? Que elas**

aparecem? S – É:: *Elas aparecem no começo...* **E – Certo.** S - Entendeu?... *E:: Isso aparece sempre, muito.* **E – Então nessa última tomada lá em Caiçara [nome fictício]?** S – *Tinha muito: Tinha muita imagem de luz, muita, muita, muitas mandalas.* **E – Então você visualizou muitas mandalas de luz, não é isso?** S – *Sempre, eu vejo muito, muito.* **E – Certo.** S – *Muitas.*

Shanon (2002), nesse contexto argumenta que qualquer cognição não ordinária não pode considerar estritamente liberação da informação processada como acesso à consciência, mas fundamentalmente seu aspecto geracional sobre a informação. De acordo com Shanon (2002) em suas distinções estruturais, as visualizações da Sra. N. se enquadram nas primeiras etapas, nas quais os primeiros elementos não figurativos e figurativos surgem. A entrevistada diz que “*tinha muita imagem de luz*” e expõe que tais visualizações se apresentam durante um determinado momento após a ingestão da bebida (“*Elas aparecem no começo*”). É interessante analisar que na UDV seus ensinamentos são passados de “*boca a ouvido*” e dentre eles existem as *chamadas*. Pode-se destacar uma chamada de abertura da sessão que diz: “*Abrireeei os teus Incantos e trarei,eiei eiei, trarei os teus Incantos*” ou seja, nesse momento o mestre está pedindo para que se apresente dentro da sessão e emergjam nas consciências individuais dos tomadores os efeitos “*dentre eles visuais, auditivos, transportes para outras dimensões, revelações*” para conectar com a “força e a luz do Vegetal”.

Colorido e luminescência. O foco semântico incide sobre o gradiente fenomenal de colorido e luminosidade das visualizações, aspectos experienciais de sua visualidade cognitiva, como vê-se no excerto: “S – [...] uma coisa que acontece muito quando eu bebo o vegetal, as imagens, [...] Eu vejo muitas formas, *formação de... de luzes, mandala de luz [...] bem coloridas [...]*”. Nesse ponto de luminescência ainda utilizando parte da mesma chamada de abertura do ritual da UDV diz-se de forma bem lenta e firme: “*É Luuuuuuuuuuzz, Divina na luuuuuuuuzz*”. Shanon (2002) indica as experiências mais poderosas que a bebida gera pertencem à luz, com grandes composições de luz e suas múltiplas transformações e que as mentalizações ficam “iluminadas” e a mente torna-se “clara”. Fenomenologicamente surgiram efeitos globais na *luminosidade* de olhos abertos ou fechados, *rastros luminosos, iluminação e coloração* do espaço visual, *escuridão*. Além disso podem ocorrer, padrões de luz e cores sem conteúdo, desde *simples elementos luminosos e coloridos*, passando por

matrizes complexas de luz e cores e suas transições. A luz como conteúdo ocorre na forma de *elementos luminosos embutidos em visões figurativas, halos e auras, seres de luz, a teia de aranha, o Templo de luz*, ocorrem *padrões interativos e cenas abstratas e visões de “luz suprema”*. Diante da doutrina expressada pela UDV algo que é bastante visível nas sessões é justamente a presença da “*Luz da Hoasca*”, “*do mundo de Hoasca*” na qual pode-se entrar através da palavra conduzida pelo Mestre da sessão; é um mundo divino onde orientações positivas se apresentam para que o indivíduo possa trazer a condução da vida de volta ao centro.

Fluxo transformacional e Complexidade estrutural das visualizações. O foco semântico incide sobre a dinâmica de transformatividade e progressiva complexificação do gradiente imagético, em que as imagens vão se reconfigurando no tempo e ascendendo em níveis de complexidade estrutural, gerando visualizações de teor semântico rico e variegado, e singularizando entre si as próprias imagens componentes das cenas visualizadas. Esta nota temática é explorada no excerto a seguir:

**“E – São bem rebuscadas [sic] esses detalhes ou são bem reais?
S – Não, não. Tem umas que são bem assim... Às vezes eu vejo assim, porque às vezes as... as luzes vão fazendo, assim, como se saísse daqui... *Elas saem e aí formam aqueles desenhos, assim, sabe? Meio góticos, meio:: Depois... aí... aí... aí depo:::is... Às vezes elas ampliam, fica aqueles quadros bem... Às vezes é redondo, às vezes é quadrado, entendeu? São bem... Vários, assi:::m... Mas bem cheio de detalhes, sabe?”***

Shanon (2002) localizou cinco estilos de visualizações que podem ser comparados a *desenhos de quadrinhos* e desenhos geométricos como *vitrais*, mas também ocorrem os estilos de visões *expandidas*, como visões panorâmicas (da terra, sistema solar e cosmos); um quarto estilo visual é chamado *encantamento* e se assemelha as pinturas do francês Henri Rousseau e o quinto estilo retrata cenas que podem ser caracterizadas como *contos de fada*. Discorre que durante as visualizações são geradas composições geométricas variando de arabescos, tapeçarias, estruturas de favo de mel pentagonais e hexagonais a estruturas muito mais complexas, de forma que estes aspectos transformacionais se firmam numa progressividade mais qualitativa que temporal. Dessa forma, explica que as pessoas, além de ver, ouvir e pensar de uma maneira especial, podem experimentar transformações e metamorfoses, tanto da

imageria quanto de sua identidade pessoal. Dedicou um capítulo próprio do “Antípodas da Mente” para esse último tema, porém, este tópico, sobre padrões de metamorfoses autoexperienciados, ultrapassa o campo transformacional fenomenologicamente revelado em nosso estudo sobre a mandala.

Cinética das visualizações. O foco semântico incide sobre a dinâmica cinética das visualizações, relacionada ao seu movimento e deslocamento no espaço interior cognitivo, compondo trajetórias individualizadas dos objetos visuais neste espaço. Esta nota temática se precipita no relato fenomenológico em registro no excerto escolhido:

“S – [...] essa União do Vegetal trouxe muito essas imagens sobre mandalas, [...] *bem movimentadas, elas se movimentam.* [...] **E – Certo. [...] São bem rebuscadas [...] esses detalhes ou são bem reais?** S – Não, não. Tem umas que são bem assim... Às vezes eu vejo assim, porque às vezes as... *as luzes vão fazendo, assim, como se saísse daqui... Elas saem e aí formam aqueles desenhos, assim, sabe?*” (Obs. *Sujeito desenha com a mão um arco de deslocamento das imagens no ar indicando o movimento e deslocamento no espaço interior, cognitivo, destas imagens*).

Nessa parte da entrevista ressaltamos as questões dos movimentos e deslocamentos, ou seja, de imagens luminosas e estáticas as visualizações passam a evoluir dentro de uma dinâmica cinética que Shanon (2002) explica que se caracteriza inicialmente como imagens caleidoscópicas que estão sujeitas a transformações rápidas diante de um profundo dinamismo tecendo trajetórias e deslocamentos em que o sujeito acompanha a cinética em sua visualização.

De forma similar, através do uso da *hoasca* feito pela UDV, o efeito é influenciado pelas palavras do Mestre dirigente que conduz as pessoas através das *chamadas* e de sua oratória. É durante a abertura da sessão que o Mestre “percebe” o tanto de efeito que as pessoas estão sentindo, num determinando momento ele pode trazer uma chamada de “força” (Lago de burracheira) que aumente a potência do efeito. Onde diz: “*É lago, é lago de burracheira, alago alago de burracheira*”. No dialeto da UDV burracheira representa o efeito do chá, ou força estranha. Tais palavras juntas com o restante da chamada feita no momento certo aumentam significativamente as visualizações e os demais efeitos proporcionados pela *Ayahuasca*, incluindo-se a velocidade e demais caracteres da cinética dos objetos sob visualização.

Desconforto subjetivo e Saturação cognitiva do fluxo imagético. O foco semântico incide sobre a emergência de gradiente afetivo (sentimento) de natureza aversiva e desconfortável durante as visualizações no acirramento da saturação do espaço subjetivo experiencial com a quantidade crescente emergente de ocorrências visuais concorrentes e paralelas que são visualizadas concomitante e em regime de concorrência da atenção da participante. O excerto ilustra esta nota afetiva da experiência interna em tela:

E – É no início dessa experiência? Que elas [as visualizações] aparecem? S – É:: Elas aparecem no começo, num... te:::m... Às vezes eu até abro o olho porque eu não posso, assim, ficar só vendo aquilo, porque às vezes atrapalha um pouco, fica uma coisa meio: confusa com a: com a situação que tá acontecendo mais no fu::ndo.

Os aspectos fenomenais de ‘gradiente afetivo de natureza aversiva’ (desconforto) são comuns em bebedores da *Ayahuasca*. Mikosz (2009) explica que a *Ayahuasca* por promover uma hipersensibilidade no usuário, pode trazer a mente conteúdos que não estavam explícitos no nível consciente, seja ele de caráter religioso, ético, moral, paradigmas, crenças, que pode gerar uma auto cobrança ou remorso por suas falhas. Esses afetos promovem no bebedor uma série de conflitos internos gerando desconfortos psicológicos.

A inflação de objetos cognitivos de natureza visual, os quais entram em concorrência na visualização, compondo extratos de acontecimentos e visualizações que, cotejados visualmente em conjunto, trazem um desconforto subjetivo e emergência de sentimento negativo e desprazeroso no fluxo observacional interno da participante. Segundo Shanon (2014), na fenomenologia da ayahuasca é relatado um desconforto físico e a reação fisiológica adversa mais comum são os vômitos, que são vistos na religião como uma limpeza e caracterizados como parte normal dos efeitos agudos. “Enfrentar o desconforto corporal e lidar com ele pode ter ramificações psicoterapêuticas significativas”, sendo esse confronto o “aspecto psicoterapêutico e curativo mais básico da experiência da ayahuasca” (pp. 62). Mesmo que definitivamente não ocorra sempre, o vômito “limpa o corpo das impurezas” (“purga” pp.62) sendo descrito como um dos passos para cura psicológica, na Ayahuasca.

Jung (2017) explica que as experiências emergentes na consciência, envolvendo arquétipos, vêm carregadas de sentimentos cheios de energia psíquica. De certo modo os arquétipos criam imagens ou visões que “balanceiam” alguns aspectos do comportamento do sujeito. São elementos estruturais formadores que se firmam no inconsciente, ou seja, nas profundezas da psique, sentimentos que podem ir de um polo a outro desde as coisas prazerosas gozosas, encantamentos, até na direção do franco terror psicológico onde o sujeito se vê tomado por forças poderosas que não domina. Durante o ritual religioso da União do Vegetal, a “*burracheira*” é diferente para cada membro, podendo, ao mesmo tempo, um estar tendo um contato com o “Divino” e o outro mergulhando num “inferno” ou nas profundas das impurezas do inconsciente onde lhe é mostrado coisas que ficam escondidas, ou coisas a serem resolvidas. Em alguns casos as cenas são tão evidentes que a pessoa não consegue sustentar aquela visualização; às vezes abrir os olhos e mudar o foco faz com que as visualizações (de olhos fechados) se modifiquem; em outros momentos é como se não houvesse acordo, dali o indivíduo começa a mergulhar num sentimento de mal estar de tal forma que entra no estado de “*pêia*”, um estado em que o indivíduo se encontra relacionado a um grande desconforto mental (sofrimento psíquico) ou físico, com os vômitos, dores de barriga, náuseas e podem durar algumas horas de sofrimento. É justamente o desconforto que a sra. N. descreve na entrevista só que de uma forma mais branda, o qual, para a religião da UDV, tudo depende do que o sujeito tenha praticado em sua vida, muitas vezes aquilo que ele acredita que ninguém vai saber emerge diante do estado pela inebriação da “*burracheira*”, é como se fosse um “acerto de contas”. Shanon (2002) verificou que tanto no Santo Daime quanto na UDV, diz-se que cada um recebe de acordo com o mérito, porém que a definição de mérito se relaciona à definição de memória humana ordinária e as visões são determinadas por tudo que existe sobre si-próprio. O mérito, dessa forma, “engloba todo o passado, incluindo o treino cumulativo com a ayahuasca” (pp.377) e o aperfeiçoamento cognitivo que as pessoas podem ser agraciadas é sem limites, tendo atenção que é preciso ser digno como pessoa e treinado enquanto bebedor.

O mesmo autor, em sua discussão sobre Ayahuasca e o inconsciente, explica que o inconsciente de Jung é diferente tanto do inconsciente informacional cognitivo quanto do inconsciente freudiano, pois no inconsciente coletivo, os arquétipos definem estágios

na vida das pessoas (exemplo, o Jovem, o Velho Homem a Grande Mãe), eventos especiais da vida (as diferentes fases do Herói) e papéis que elas podem desempenhar (o Trapaceiro, o Sábio). Embora na teoria dos arquétipos junguianos o tópico dos universais psicológicos é central, na Ayahuasca, contudo, os *conteúdos* universais são bem diferentes das *formas* arquetípicas junguianas (Shanon, 2002). “Serpentes, palácios e objetos de ouro não podem ser reduzidos a pontos comuns na experiência humana” (pp.391) e tem sido encontrados nas visões de diferentes culturas, tanto em bebedores urbanos independentes, quanto indígenas ou religiosos.

Considerações finais

Pelo exposto, a análise temática capturou os aspectos basilares das ocorrências visuais durante inebriação com ayahuasca da participante, em suas notas fundamentais de *Formas Visuais, Fluxo Geracional de Visualizações, Colorido e luminescência, Fluxo transformacional e Complexidade estrutural das visualizações, Cinética das visualizações, e, Desconforto subjetivo e Saturação cognitiva do fluxo imagético*, as quais conformam a essência da estrutura fenomenológica da experiência em análise neste estudo.

Nesse contexto, Shanon (2002) informa que a ayahuasca apresenta-se em estágios nem sempre acessados por todos os tomadores, sendo, na verdade uma minoria que acessa os estágios mais complexos de imageria multissensorial. Segundo ele, a progressão das imagens passa de elementos não figurativos em direção a *imagens bem definidas*, progressão para *estabilidade*, para *globalidade*, com adição de materiais visuais, em direção a *riqueza conceitual* e *alargamento do escopo* visual/experiencial para um aspecto cinematográfico, com progressão da *realidade sentida*, *acoplamento de significação psicológica* e experiências transformadoras, progredindo para *significação espiritual* que transcende o sujeito, com visões de luz e reinos espirituais elevados, aumentando-se a *interação com os conteúdos das visões*, fornecendo grande *complexidade narrativa* e progredindo para *imersão* em uma espécie de realidade virtual, enquanto se direciona a uma *ideação* de qualidade noética associada com reflexões, insights e aprendizagens significativas (pp.95) .

Sade (2009) explica que da mesma maneira que os processos cognitivos podem ser estudados como resultado observável de uma tarefa, como no caso de experimentos

e observações (metodologia em terceira pessoa), ou do resultado mediado pelo pesquisador ou por instruções, como em entrevistas (metodologia em segunda pessoa), também podem ser estudados como processo disponível na experiência consciente (*qualia*), através da atenção dispensada a si mesmo (metodologia em primeira pessoa). Shanon (2002), no estudo cognitivo-fenomenológico do EC orquestrado pela Ayahuasca, localizou parâmetros específicos na qual a consciência varia. Argumenta que o psicólogo cognitivo investiga as estruturas comuns e mecanismos da mente humana e que, embora os invólucros culturais possam diferir, os seres humanos são membros da mesma espécie. Nesse sentido a EFEA consiste num instrumento padronizado para a investigação da fenomenologia da consciência e da autoconsciência, relacionadas ao estado ordinário e a estados alterados de consciência, e de suas mediações cognitivas correspondentes. O valor heurístico da EFEA contribui para sua própria avaliação à medida que o aspecto fenomenológico-cognitivo reside no caráter formal, sequencial, sistemático tanto na avaliação individual quanto interindividual. Ao mesmo tempo em que preserva a fenomenalidade privativa de codificação e classificação com que os indivíduos constroem os relatos a partir dos pontos de vista da autoexperiência junto aos seus fluxos de consciência, com foco no processamento da imagieria e autoscopia mental, garante uma desejável triangulação de metodologias em pesquisas cognitivas sobre o self e a consciência (Nascimento, 2008).

Muitas das visões trazem imagens e cenas tão ricas fenomenologicamente, até mais que as encontradas em sonhos (Mikosz, 2009; Shanon, 2002). Junto a isso, Shanon (2002) vai, filosoficamente, de encontro ao inconsciente freudiano, visto que as visões da ayahuasca não exibem caos e não tem o aspecto ilógico e paradoxal que os sonhos têm (pp. 368). O espectro de padrões e os aspectos temporais encontrados na Ayahuasca são diferentes dos sonhos pois os bebedores sentem-se livres do domínio do tempo, caracterizando a experiência em um aumento nas significações. Também considera o inconsciente informacional cognitivo, que diferente do freudiano, não envolve desejos escondidos ou conflitos nem qualquer mecanismo de defesa, e sim apenas que durante a função mental ordinária certa informação não é acessível à consciência. Dentre s linhas teóricas a visão junguiana se aproxima na análise da experiência da Ayahuasca, porém se distancia nos

aspectos dos universais psicológicos, visto que Jung considerou universais de *forma*, arquétipos relacionados à humanidade e suas histórias, enquanto Shanon localizou empiricamente universais de *conteúdo*, como objetos de realidade, palácios, répteis, mamíferos, entidades divinas, cenas celestiais, etc. Também considera que diferente das ideias inatas do IC, as características da imaginação criativa revelada na experiência não permitem a redução a aspectos existenciais da vida humana pertencendo ao conteúdo não à forma. De uma ou outra forma, Shanon (2002) explica que a indagação sobre como estudiosos da mente têm conduzido os estudos sobre o inconsciente permanece positiva.

A Ayahuasca não aparenta ser uma simples liberação na inibição do inconsciente, mas fundamentalmente induz a criatividade e geração da novidade. Estudos de imageamento cerebral detectaram modulação positiva nas áreas envolvidas com a imaginação prospectiva intencional, memória de trabalho e processamento de informações de fontes internas, ativando uma extensa rede envolvida com a visão, memória e intenção (de Araujo *et al.*, 2012). Portanto, a necessidade de delineamentos psicológicos de estudos com enteógenos, em que são analisadas variações nos parâmetros da consciência, triangulados com autorrelatos fenomenológicos e medidas psicométricas são altamente requeridos para um exame cognitivo mais acurado dos Sistema Cognitivo da Consciência e suas imagens.

Referências

- Babouchkina, A., & Robbins, S. J. (2015). Reducing negative mood through mandala creation: A randomized controlled trial. *Art Therapy, 32*(1), 34-39.
- Barboza, J. C. C. M. (2017). *Fenomenologia da consciência e autoconsciência em estados meditativos em praticantes religiosos e não-religiosos: a questão da mediação cognitiva*. (Mestrado em Psicologia Cognitiva), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology, 3*(2), 77-101.
- Campbell, J. (1988). O poder do mito. *Associação Palas Athena, São Paulo*.

- Chalmers, D. (2007). The hard problem of consciousness. In M. Velmans & S. Schneider (Eds.), *The Blackwell companion to consciousness* (pp. 225-235). Oxford: Blackwell.
- Couch, J. B. (1997). Behind the veil: Mandala drawings by dementia patients. *Art Therapy, 14*(3), 187-193.
- Cox, C. T., & Cohen, B. M. (2000). Mandala artwork by clients with DID: Clinical observations based on two theoretical models. *Art Therapy, 17*(3), 195-201.
- Curry, N. A., & Kasser, T. (2005). Can coloring mandalas reduce anxiety? *Art Therapy, 22*(2), 81-85.
- de Araujo, D. B., Ribeiro, S., Cecchi, G. A., Carvalho, F. M., Sanchez, T. A., Pinto, J. P., . . . Santos, A. C. (2012). Seeing with the eyes shut: Neural basis of enhanced imagery following ayahuasca ingestion. *Hum Brain Mapp, 33*(11), 2550-2560.
- Giorgi, A. (2012). The descriptive phenomenological psychological method. *Journal of Phenomenological psychology, 43*(1), 3-12.
- Henderson, P., Rosen, D., & Mascaro, N. (2007). Empirical study on the healing nature of mandalas. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts, 1*(3), 148.
- Jung, C. G. (2014). *The archetypes and the collective unconscious*. London: Routledge.
- Jung, C. G. (2017). *Mandala symbolism*. EUA: Princeton University Press.
- Kellogg, J. (1984). *Mandala: Path of beauty*. Clearwater, FL: Mandala Assessment and Research Institute.
- Labate, B. C., & Cavnar, C. (2013). *The therapeutic use of ayahuasca*. Heidelberg: Springer.
- Mikosz, J. E. (2009). A arte visionária e a Ayahuasca: representações visuais de espirais e vórtices inspiradas nos estados não ordinários de consciência (ENOC). 322 p. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Nascimento, A. M. (2008). *Autoconsciência situacional, imagens mentais, religiosidade e estados incomuns da consciência: um estudo sociocognitivo*. (Doutorado em Psicologia Cognitiva), Universidade Federal de Pernambuco.
- Pekala, R. J., & Kumar, V. (2007). An empirical-phenomenological approach to quantifying consciousness and states of consciousness: With particular reference to understanding the nature of hypnosis. *Hypnosis and conscious states: The cognitive neuroscience perspective, 167-194*.
- Petrishcheva, V., & Filatova, O. (2017). Mandala as a method of art-therapy, ensuring stabilization of emotional states of preschool children.
- Pisarik, C. T., & Larson, K. R. (2011). Facilitating College Students' Authenticity and Psychological Well- Being Through the Use of Mandalas: An Empirical Study. *The Journal of Humanistic Counseling, 50*(1), 84-98.
- Reichel-Dolmatoff, G. (1978). *Drug-induced optical sensations and their relationship to applied art among some Colombian Indians*. In Michael Greenhalgh &

- Vincent Megaw (Eds.), *Art in society: studies in style, culture and aesthetics* (pp. 289-304). London, Duckworth.
- Sade, C. (2009). Enação e Metodologias de Primeira Pessoa: o reencantamento do concreto das investigações da experiência. *Informática na educação: teoria & prática*, 12(2), 45-58.
- Shanon, B. (2002). *The antipodes of the mind*. NY: Oxford University Press.
- Shanon, B. (2014). Moments of insight, healing, and transformation: A cognitive phenomenological analysis *The Therapeutic Use of Ayahuasca* (pp. 59-75). Springer.
- Slegelis, M. H. (1987). A study of Jung's mandala and its relationship to art psychotherapy. *The Arts in psychotherapy*, 14(4), 301-311.
- Strassman, R. J. (2000). *DMT: The spirit molecule: A doctor's revolutionary research into the biology of near-death and mystical experiences*: Inner Traditions/Bear & Co.
- van der Vennet, R., & Serice, S. (2012). Can coloring mandalas reduce anxiety? A replication study. *Art Therapy*, 29(2), 87-92.
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. Bookman editora.

Recebido: 20/11/2019. Aceito: 20/1/2020.

Sobre autores e contato:

Alexsandro Medeiros do Nascimento - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva - UFPE, Av. da Arquitetura, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, 8º Andar, 50740-550, Recife – PE, Brasil. Telefones: [55-81] 2126-8272 / 2126-7330. Fax: [55-81] 2126 7331.

Endereço eletrônico de contato: alexmeden@gmail.com.

Bruno Ricardo de Carvalho Virgolino - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva – UFPE.

Endereço eletrônico de contato:bruno_virgulino@hotmail.com

Robson Savoldi - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva – UFPE

Endereço eletrônico de contato: rjspes@yahoo.com.br

Antonio Roazzi – Prof. Dr. Universidade Federal de Pernambuco atuando na graduação e pós-graduação.

Endereço eletrônico de contato: roazzi@gmail.com.